



## EDUCAÇÃO E CULTURA PARA SOBREVIVÊNCIA: DO PEQUENO AO GRANDE O CAMINHO É QUASE SEMPRE O MESMO

Elisângela da Silva SANTOS<sup>1</sup>

**Resumo:** o texto seguinte tem como proposta fazer algumas considerações sobre a cultura e a educação no romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Durante a leitura do livro podemos notar que a educação e a cultura narradas não estão pautadas numa regra moral fixa, mas sim obedecem a um contexto marcado pela lógica social local, onde muitas vezes a sobrevivência se mostra o objetivo mais imediato e mais importante a ser conquistado.

**Palavras-chave:** educação; cultura; violência; sobrevivência e favela.

No decorrer da narrativa de *Cidade de Deus* (1997) podemos perceber por meio das personagens uma tensão entre a necessidade imediata, que ensina e apresenta o áspero cotidiano dentro da favela, e entre a educação formal como outro caminho possível que se mostra distante e ao mesmo tempo almejado. É sob estes dois caminhos que o pensamento e a ação dos personagens se desenvolvem.

No início do livro, lemos o relato de uma conversa à beira do rio entre Busca-Pé e Barbantinho, que ali fumavam um cigarro de maconha, mostrando uma preocupação de ambos com o futuro. Barbantinho almejava tornar-se salva-vidas e Busca-Pé, fotógrafo. Este relembra:

Recordou-se de dona Marília, de dona Sônia e das outras professoras do curso primário dizendo que se estudasse direito, seria valorizado no futuro, porém estava ali desiludido com a possibilidade de conseguir emprego para poder levar seus estudos adiante, comprar sua própria roupa, ter uma grana para sair com a namorada e pagar um curso de fotografia. Bem que as coisas poderiam ser como as professoras afirmavam, pois se tudo corresse bem, se arranjasse um emprego, logo, logo compraria uma máquina e uma porrada de lentes. Sairia fotografando tudo que lhe parecesse interessante. Um dia ganharia um prêmio (LINS, 1997, pp. 12-13).

Estes questionamentos sobre o futuro vão aos poucos sendo ofuscados com as cenas de crimes que começam a aparecer no decorrer da narrativa. Logo de início, os dois amigos presenciam a mudança de cor da água do rio que passara a ser vermelha, e logo depois vem à tona um corpo: “Era a guerra que navegava em sua primeira premissa. A que se fez a soberana de todas as horas [...]” (LINS, 1997, p. 14). Portanto, com a soberania da guerra, a cultura e a educação, segundo informa o romance, muitas vezes não obedecem aos preceitos

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais FFC/UNESP (Campus de Marília), membro fundador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura, realiza pesquisa sobre a nação nos escritos infantis de Monteiro Lobato.



formais, mas sim aqueles baseados na sobrevivência. E esta, na maioria das vezes, se mostra fugaz.

A narrativa afirma que o conjunto habitacional da Cidade de Deus viria a ser uma “neofavela de cimento”. Nas duas décadas que compreendem o universo ficcional, o conjunto viveria ainda outras complexas transformações agudizando cada vez a situação em relação aos seus primeiros moradores que quando ali se instalaram, fugindo das enchentes que assolaram o Rio de Janeiro, levavam consigo elementos típicos da cultura pobre e periférica. Conta o narrador que entre os pertences dos que se mudavam para lá,

Foram atiradeiras, revistas *Sétimo Céu*, panos de chão ultrapassados, ventres abertos, dentes cariados, catacumbas incrustadas nos cérebros, cemitérios clandestinos, peixeiros, padeiros, missa de sétimo dia, pau para matar a cobra e ser mostrado, a percepção do fato antes do ato, gonorréias malcuradas, as pernas para esperar ônibus, as mãos para o trabalho pesado, lápis para as escolas públicas, coragem para virar a esquina e a sorte para o jogo de azar. Levaram também pipas, lombo para a polícia bater, moedas para jogar porrinha, e força para tentar viver. Transportaram também o amor para dignificar a morte e fazer calar as horas mudas (LINS, 1997, p. 18).

Também no sentido inaugural, os bandos voltados para atividade do assalto são formados e na posição de precursores do mundo do crime vinham Marreco, Alicate e Cabeleira, conhecidos como o “trio ternura”. A narrativa afirma que ninguém ao redor deles entendia porque o primeiro se tornara assaltante, uma vez que tinha uma boa criação, não era feio, o pai não bebia e era trabalhador. Por isso, para a vizinhança, o menino não teria motivos. Quanto a Alicate, o mundo do crime fora uma alternativa de escapar das necessidades que passava com os pais, era filho caçula de uma família de seis irmãos. No caso de Cabeleira, este se habituara à cultura do crime desde cedo, era respeitado na comunidade, portanto realizara o seu maior desejo:

Lá no São Carlos, Cabeleira desde criança vivia nas rodas de bandidos, gostava de ouvir as histórias de assaltos, roubos e assassinatos. Poderia passar distante dos bichos-soltos, mas mesmo assim fazia questão de cumprimentá-los. Nunca negava-lhes favores, fazia questão de matar aulas para ajudar a rapaziada que botava pra frente: limpava as armas; endolava a maconha; às vezes, comprava o querosene da limpeza dos revólveres com seu próprio dinheiro para subir no conceito com os bandidos. Quando ganhasse mais corpo, arrumaria um berro para ficar mais rico no asfalto, mas enquanto fosse criança continuaria a roubar os trocados do seu pai, ele não percebia mesmo, estava sempre ligado no goró (LINS, 1997, p. 50).



Percebemos assim, que a educação não era fornecida exclusivamente pela escola ou pela família, mas principalmente pelos exemplos imediatos que as crianças tinham, neste caso, pelos “bandidos”, que eram respeitados por todos os moradores, e, além disso, gozavam de privilégios conquistados através do poder de mando na comunidade.

Da mesma forma que Cabeleira admirava os outros malandros em sua infância, Dadinho também o admirava, estabelecendo assim um ciclo na narrativa: “Admirava Cabeleira, mas tinha adoração por Grande, bandido que mandava na favela Macedo Sobrinho. Se conseguisse chegar a ser igual a Cabeleira, rapidinho ficaria igual a Grande: temido de todos e querido pelas mulheres (LINS, 1997, p. 59)”.

Assim, o exemplo de vida que se constitui para as crianças não era dado pela professora, padre, pastor ou pela polícia, em meio a todas as adversidades, a opção mais certa para transcender o estado de pobreza seria a criminalidade.

Ana Maria Fausto Neto e Consuelo Quiroga (2000), no artigo intitulado “Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais”, afirmam que a ausência de recursos públicos voltados para o conjunto da população e os espaços privatizados da vida social ganharam força e se radicalizaram obedecendo a códigos e leis particulares. Neste sentido, as autoras comentam:

É nesse “universo conhecido” que as famílias – e os jovens pobres, especificamente – conseguem arrancar alguma alternativa de vida e trabalho, além de uma respeitabilidade mínima e uma neutralização dos estigmas da pobreza e da discriminação social. Talvez por aí se pudesse entender seu apoio a sistemas de autoridades locais que, mesmo ilegais, são próximas e conhecidas (NETO&QUIROGA, 2000, p. 231).

Aqueles que passam a fazer parte das “atividades ilegais” almejam ganhar dinheiro e conquistar o respeito que acreditam merecer, mas também sabem que no mundo do crime a vida tende a ser mais curta. Este foi o motivo que fizera Alicate abandonar a posição de assaltante na Cidade de Deus; e a religião predominou como forma de redenção.

Para os companheiros do “Trio Ternura”, Alicate tinha se tornado um otário, o que era tido como sinônimo de anonimato e de trabalho braçal pesado como alternativa de sobrevivência. Com isso, Dadinho conseguira um posto da quadrilha de Cabeleira, os assaltos passaram a ser mais frequentes, o que rendia aos “bandidos” reportagens nos jornais. Depois de terem assaltados um posto de gasolina, se admiraram com a rapidez que os jornais publicaram a notícia:

- Já ta no jornal?! – espantou-se Marimbondo.



- Às vezes demora dois dias pra sair... Esse saiu rapidinho – comentou Cabeleira.
  - Sabe ler, sabe ler? – perguntou Dadinho a Marimbondo, ciente de que Cabeleira lia mal.
  - Não respondeu enfatizando a resposta com a cabeça.
  - Aí vô lá no Bené pra ele ler essa parada aí pra gente [...]
- Bené, já na casa de Marimbondo, lia a matéria derrapando na entonação das orações mais longas. Mesmo assim Dadinho ouvia como uma criança que escuta histórias de fadas, sentado no chão com a cabeça recostada no sofá (LINS, 1997, p. 194).

Naquela reportagem de jornal Dadinho ouvia a sua história sendo contada, por isso se orgulhava do que o amigo lia e delirava com a possibilidade de ser um bandido conhecido e reconhecido.

Percebemos também no trecho citado acima, que a narrativa enfoca uma dualidade entre a cultura letrada – representada pelo jornal, que como veículo de informação tornava público um assalto ocorrido na cidade do Rio de Janeiro – e a cultura iletrada – representada pelos assaltantes que mesmo sem saberem ler, sentiam orgulho por terem servido como notícia de jornal, neste caso o sentido de denúncia não fazia sentido. Para os leitores oficiais do jornal, provavelmente as notícias frequentes sobre assaltantes moradores da Cidade de Deus eram inaceitáveis e os furtos deveriam ser solucionados o mais rápido possível. Já para os próprios assaltantes, as notícias de jornal só resultavam em orgulho e reconhecimento.

Alba Zaluar e Marcos Alvito (2003) afirmam que a favela, desde seu surgimento, fora vista como um “foco” a ser eliminado e limpo, e esta idéia sempre esteve associada à retórica centrada na “patologia social” e na “poluição”, pois era habitada por “classes populares”. Deste modo os autores afirmam:

Não há o que negar no bom senso de apontar para a liberdade na construção que passou a ameaçar as encostas e as matas da cidade, mas a composição dos habitantes (em termos étnicos, culturais, econômicos), as formas de moradia e as condições de vida das favelas variaram muito em um século de existência, completado em 1997, mantendo seu potencial de alteridade sempre alto. Por isso a utilização da favela como um espelho invertido na construção de uma identidade urbana e civilizada tomou várias formas (ALVITO & ZALUAR, 2003, p. 12).

### **Da mudança do nome para a mudança de comportamento**

Dadinho ao entrar no mundo adulto mudara sua forma de ganhar dinheiro, dos assaltos à mão armada passou para o tráfico de drogas, atividade julgada por ele como mais lucrativa. Já era “bandido formado”, havia passado pela educação para o crime e mudara o nome por precaução, a partir deste momento queria ser chamado de Zé Pequeno:



Sim, iria agora se chamar Pequeno, Zé Pequeno, já que a polícia sabia da existência de um tal de Dadinho que não poupava as vítimas nos assaltos, que era tido como perigoso desde o tempo de Cabeleira. “Mudar de nome: idéia resposta”. Passou a falar que Dadinho havia morrido, que a boca-de-fumo dos Blocos Novos agora era de um tal de Pequeno. Outros bandidos o observavam com medo e admiração. Alguns sentados no meio fio, outros encostados na parede do Bloco Sete. Nenhum deles tinha disposição para tomar tal atitude, por isso mesmo passaram a respeitá-lo como todos os bandidos da Macedo Sobrinho respeitaram Grande Dinheiro, iria ganhar muito dinheiro: gente viciada pipocava em toda parte, assim como o número de matutos para vender-lha a droga (LINS, 1997, p. 213).

O menino conquistara tudo o que almejou quando criança, agora era dono de uma “boca de fumo” que pretendia administrar com o amigo de infância Bené:

O dinheiro entrava fácil para o bolso de Pequeno e de Bené, tinha de arrumar uma pessoa que soubesse ler e escrever para administrar o entra-e-sai de dinheiro. Essa pessoa não deveria ser bandido, porque bandido não presta, na primeira oportunidade iria lhe dar volta. Tinha de ser trabalhador amigo, um que o considerasse desde criança, que nunca houvesse roubado, mas que também fosse de atitude, sujeito homem, que metesse a mão no ferro caso fosse necessário. Matutou, andou ao léu pelos Apês, olhava na cara de todos que cruzava (LINS, 1997, p. 218).

Considerado um dos “bandidos” mais perigosos da Cidade de Deus, Zé Pequeno criara normas que deveriam nortear a conduta dos moradores e também dos assaltantes, uma delas era não assaltar dentro da favela. Dois meninos, porém, desobedeceram esta ordem e assaltaram um ônibus lotado de moradores dos apartamentos e, por conta disso, deveriam passar por uma “medida educativa”: “Vai passar no corredor polonês!” [...]. “Os quadrilheiros formaram uma fila dupla, obrigaram os ladrões a passarem três vezes entre eles, dando-lhes coronhadas sem nenhuma piedade (LINS, 1997, p. 286)”. No final da tortura, Pequeno matou os dois meninos e agiu como se não tivesse ocorrido nada. Os jornais noticiaram o crime novamente:

Dois dias depois, um jornal trazia a foto do menino morto dizendo que havia sido um crime bárbaro. Pequeno, ao ouvir Bené ler a matéria, perguntou-lhe o que era *bárbaro*. Bené não soube responder, porém Daniel, que estava ali para receber cinco trouxas de maconha, presente de Bené, explicou para todos o significado da palavra (LINS, 1997, p. 287).



Muitos perceberam, a exemplo de Pequeno, que a vida no crime era rendosa, foi com este pensamento que Manguinha começara a realizar seus primeiros assaltos, apesar dos conselhos dados por outros:

Tu é Playboy, rapa! Teu pai tem dinheiro! Tu tem boa aparência, pode arrumar emprego em qualquer lugar, não precisa de dinheiro, não... [...].

- Ô, meu irmão, tu pára com isso, tu não precisa, teu pai é tenente... Tu tem é que procurar ele, morou? Volta a estudar...

Manguinha balançava a cabeça, dizia que não tinha mais cabeça para estudar, e mesmo se estudasse nunca iria ficar rico do jeito que ele queria, afirmava que seria bandido somente por um tempo. Arrumaria mais uma grana, juntaria com a que já tinha guardada e compraria uma fazenda no mais distante dos interiores do país. De repente, iria até o Paraguai e se dedicaria à apicultura, um sonho acalentado desde que ouvira a professora de ciências falar sobre o assunto (LINS, 1997, p. 330).

Novamente seguindo na esteira de Alba Zaluar em seu artigo chamado “Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência do Brasil” (1998), o notável recuo do monopólio legítimo da violência pelo Estado e o aumento do contrabando e do comércio de armas colocaram ao alcance de jovens, principalmente pobres, armamentos que passaram a consolidar novas imagens de si mesmos, do seu bairro, da sua cidade e do seu mundo. Além disso, esta nova organização destruiu formas de sociabilidade que ofereciam como suporte para manutenção das “comunidades” onde estes jovens nasceram e cresceram.

Na narrativa de Paulo Lins percebemos como os personagens, em relação à criminalidade, agem da mesma forma como a juventude relatada por Zaluar. A criminalidade, que forma homens para este intuito, é vista, na maioria das vezes, como uma alternativa. É o caso de Manguinha, que através do crime tentava fugir da marca de “otário”, pois como bandido não precisaria mais estudar e nem realizar nenhuma atividade braçal – ainda que fosse filho de um pai rico, como diziam seus companheiros. No outro extremo da estória, dois amigos relembram outro período de suas vidas, e as pessoas que passaram por ela, momento em que existia uma integração entre eles, mais especificamente antes de Pequeno se tornar o “bandido” mais perigoso da redondeza:

- Busca-Pé sumiu!
- É... Tá sumidão!
- O cara se destacou mermo, né?
- Pode crer!
- Só vejo ele passando...
- Ele ta colado com aquele pessoal do Conselho de Moradores...
- Ele virou retratista mermo!



- Pode crer!
- Todo mundo que anda com ele é de faculdade. Se amarra nessa onda de política...
- Eu conheço eles, rapa...São eles que fecha a rua aí, todo 1º de maio pra fazer manifestação aí, de trabalhador, anda fazendo uma porrada de reunião aí...
- Conselho de Moradores, né? (LINS, 1997, p. 389).

Através deste trecho notamos como a educação formal é vista por aqueles que não fazem parte dela, há um distanciamento entre os companheiros marcados pelos rumos diversificados que suas vidas tomaram.

### **A honra como novo princípio regulador de uma nova conduta**

Mané Galinha, antes de se envolver com o mundo do crime, se mostra na narrativa um “exemplo de conduta”. Como filho mais velho de uma família religiosa, tinha o dever de mostrar aos irmãos mais novos uma vida regrada, que conciliava a escola, o trabalho e a atividade física:

Manoel trabalhava de trocador de ônibus, dava aulas de Karatê no Décimo Oitavo Batalhão da Polícia Militar, terminava o segundo grau a noite num colégio estadual da praça Seca, jogava bola todo o sábado à tarde, único momento que ficava junto às pessoas de sua idade, porque não era de muito coleguismo, gostava mesmo era andar sozinho e evitar encrencas. Por ser considerado um rapaz muito bonito na favela, vivia cercado de garotas, até ganhara o apelido de Mané Galinha (LINS, 1997, p. 400).

Esta personagem começa a envolver-se com a criminalidade, como ele mesmo afirma, por “motivos pessoais”. Inicialmente não se via e nem queria ser considerado bandido. Zé Pequeno, seu maior inimigo, foi o responsável pela sua entrada na atividade de roubos, tráfico de drogas e morte quando Galinha teve sua honra masculina ferida de modo violento: presenciou o estupro de sua namorada por Pequeno e por seus companheiros. Sem poder reagir, por estar amarrado e ameaçado de morte, sentia vergonha de si mesmo, da inutilidade, da sua namorada, do mundo, etc. A única reação que lhe veio à mente naquele momento foi o desejo de vingança, queria “ensangüentar Zé Pequeno”, principalmente depois que soubera que o seu recente inimigo havia matado o seu avô.

Mesmo após ouvir os conselhos da família, dos amigos e de Sandro Cenoura (que se tornaria seu sócio) para que desistisse da vingança, Galinha só pensava nisso, não cogitava sair da favela antes de vingar sua honra.



Na quadrilha de Cenoura, Galinha presenciava diversas situações contrárias à sua antiga conduta regrada, como por exemplo, a participação de crianças que se viam como adultos no mundo do crime:

- Se me der um ferro, eu formo um bonde para passar ele! – Disse Filé com Fritas, um dos esculachados, de apenas oito anos.

-Vai formar bonde porra nenhuma! Tu tem que parar com esta onda de roubar e procurar uma escola...Tu é criança, rapa! – Disse Galinha.

- Meu irmão, eu fumo, eu cheiro, desde nenenzim que peço esmola, já limpei vidro de carro, já trabalhei de engraxate, já matei, já roubei... Não sou criança não. Sou sujeito homem! (LINS, 1997, p. 410).

Nas páginas seguintes do livro, vemos que a morte de Filé com Fritas executada por Biscoitinho, da quadrilha de Zé Pequeno, serviu de exemplo para os teleguiados:

Fritas caiu desmaiado, Biscoitinho pediu o fuzil a Pequeno, colocou o cano dentro da boca do menino e disparou oito vezes, movimentando em círculo o cano do fuzil para ele nunca mais deixar de xingar a sua mãe. Depois Pinha esfaqueou seu corpo para nunca mais deixar de obedecer ordem sua. O corpo do menino era somente um amontoado de sangue [...]. Lá nos Apês o clima era de festa: apenas uma baixa. Biscoitinho contava com orgulho como a cabeça de Filé com Fritas foi se esfacelando. Pequeno o elogiava, pagava cerveja para ele, abraçava-o, dizia que ele era o cara mais responsa da quadrilha, no intuito de incentivar os teleguiados (LINS, 1997, pp. 418-19).

Em meio à guerra pessoal travada entre Zé Pequeno e Mané Galinha diversos homens se “alistavam”, tomando partido de um lado ou de outro, conforme eles, também por motivos pessoais. Um dos jovens que passou para o bando de Pequeno foi o filho de Cabeleira, que queria ser tão perigoso quanto seu pai:

Berenice, sua mãe, agora alcoólatra, quando não tinha o que comer em casa, o incentivava, dizendo que seu genitor nunca levara desaforo para casa e nunca a deixava passar fome. Fora de casa, Pequeno mas também Cabelo Calmo multiplicavam as peripécias de Cabeleira no mundo do crime com o objetivo de torna-lo um soldado perfeito (LINS, 1997, p. 435).

Aqui a formação que o menino recebia, incentivada também pela mãe, era aquela voltada para o mundo do crime, utilizando assim a herança deixada por seu pai, Cabeleira. Desta forma, a narrativa nos deixa o seguinte questionamento: será que a geração seguinte desta família também se envolveria com a criminalidade?



No final do livro, antes demorrer, Zé Pequeno ia em busca de um desejo antigo que o perseguia: ler ele mesmo as notícias sobre seus crimes nos jornais:

-P com *i* dá pi, *p* com *a* dá pa, pi-pa, pipa, porra! Pipa! – soletrava Pequeno ao lado da mulher de seu novo parceiro do Realengo [...]. Agora realizara o sonho que tomara conta dele na cadeia, pois tinha sempre que pedir a alguém para ler as cartas que recebia e isso poderia ser perigoso, corria o risco de alguém descobrir algo a seu respeito. Já sabia assinar o nome, e, se encontrasse o tal doutor Crespo, que resolvia qualquer problema, poderia ter identidade e talão de cheque, coisa que também sempre sonhara ter (LINS, 1997, pp. 537-8).

Percebemos o valor que esta personagem passa a atribuir à leitura, que serviria como um adicoinante na sua formação como um bandido importante que deveria decifrar os códigos da leitura para poder ler as reportagens que saíam sobre ele, assinar o próprio nome, e ter independência para entender as cartas que recebia.

Assim, a educação formal, no sentido de busca de outra forma de vida longe do crime, não é cogitada pelas personagens principais do livro, diferentemente de Busca-Pé que no plano secundário da obra, aparece envolvido com pessoas letradas, consegue comprar uma máquina fotográfica e viver no anonimato. Entretanto, o foco da narrativa não mostra a educação nem a cultura no sentido valorativo, a proposta da obra foi mostrar como no cotidiano marcado pela violência e criminalidade, as personagens buscam formas distintas de sobrevivência, de cultura e de educação.

---

## **EDUCATION AND CULTURE FOR SURVIVAL: FROM THE *SMALL* TO THE *BIG*, THE WAY IS ALMOST ALWAYS THE SAME**

**Abstract:** The following text proposes to do some considerations about the culture and education in the novel *Cidade de Deus*, by Paulo Lins. Reading it, we could see that, the education and the culture narrated in the novel, are not based on a fixed moral rule, but they obey to a context marked by social-local logic, where many times, the survival shows the most immediate and most important objective to be gained.

**Key words:** education; culture; violence; survival and slums.

---

### **Referências bibliográficas**

ALVITO, Marcos; VELHO, Gilberto (orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.



ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba, (orgs.). *Um Século de favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NETO, Ana Maria Q. F; QUIROGA, Consuelo, Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais, in *Linguagens da Violência*. In PEREIRA, Carlos Alberto M., et al (org). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In. SCHWARCZ, Lília; NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Artigo produzido a partir dos seminários sobre *Cidade de Deus* realizado durante o primeiro semestre de 2008 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura